



## XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-10 – Informação e Memória

QUEM (RE)CONSTRÓI A MEMÓRIA POLÍTICA?

*WHO (RE)BUILDS POLITICAL MEMORY?*

Anderson Matheus Alves Arruda. UFPE.

Paulo Ricardo Silva Lima. UFPE.

Anna Raquel de Lemos Viana. UFPE.

Nadi Helena Presser. UFPE.

**Modalidade: Resumo Expandido**

**Resumo:** Os fatos e acontecimentos históricos são manifestações que podem ser representadas sob diversos formatos, como em músicas, poesias e fotografias. Os registros, além de possuírem valor histórico e cultural, também são úteis à preservação da memória coletiva para futuras gerações. O objetivo da pesquisa é analisar a importância da ação política direcionada à repercussão do atentado ao monumento Borba Gato no Twitter. Os dados foram recuperados a partir das publicações originais no Twitter, delimitando seus critérios para menções ao termo *Borba Gato*, com variação de caracteres maiúsculos e minúsculos, em qualquer *tweet* publicado na plataforma entre o dia do acontecimento (24 de julho de 2021) e a semana seguinte (até 31 de julho de 2021). A pesquisa constatou que, apesar de existir uma visibilidade negativa sobre o monumento Borba Gato, resta claro que esta memória faz parte da construção histórica social e política do Brasil. Mesmo não realizando feitos positivos para a sociedade, o bandeirante homenageado é mais um dos tantos escravocratas e genocidas brasileiros consagrados por alguns cidadãos como heróis da pátria.

**Palavras-chave:** Monumentos. Borba Gato. Memória política. Twitter.

**Abstract:** Historical facts and events can be presented in a variety of formats, including songs, poems, and photographs. In addition to its historical and cultural value, its records help preserve the collective memory of present and future generations. The purpose of this study is to analyze the importance of political action directed to the repercussions of attacks on the Borba Gato Memorial on Twitter. Data taken from original publications on Twitter delimiting their criteria for mentions of the term Borba Gato, with a variation of upper and lower case characters, in any tweet that has been published on the platform between the day of the event (July 24, 2021). and its following week (until July 31, 2021). Despite the negative visibility of the Borba Gato monument, it is clear that this memory is part of Brazil's social and political historical construction. Even not performing positive deeds for society, the



pioneer is one of the many Brazilian slavers and genocides consecrated by some citizens as heroes of the homeland.

**Key-words:** Monuments. Borba Gato. Political memory. Twitter.

## 1 INTRODUÇÃO

A memória coletiva, como informação registrada, é amparada por mídias, que são protegidas por portadores materiais, como monumentos, memoriais, museus e arquivos, tudo guiado por uma política específica de recordação e esquecimento. No que tange aos monumentos, entendem-se como formas simbólicas de representação material dos eventos passados, compondo paisagem em espaços públicos, e em que há a intencionalidade no sentido político de comunicar mensagens associadas quanto à celebração ou contestação, a fim de contemplar o presente e o futuro, ou seja, não se trata de informações neutras na composição visual de uma cidade, mas, sim, de objetos de valor afetivo (ASMANN, 2011).

Alicerçados nos pressupostos de que alguns dos representados em monumentos não merecem o lugar de heróis na história e que são necessárias a emancipação e consciência crítica do que eles representam, certos movimentos e grupos sociais têm atuado em ações de retirada dos monumentos. A exemplo, podemos citar o movimento *Rhodes Deve Cair*, o qual buscou a retirada da estátua de Cecil John Rhodes na Universidade de Capetown, símbolo colonial e do *apartheid* (NDLOVU-GATSHENI, 2016).

No Brasil, em 2016, o Monumento aos Bandeirantes, em Ibirapuera, foi pintado com tinta vermelha. Além disso, somando-se a luta contra o racismo que ocorreu em diversos países, provocando o debate internacional sobre o sentido da permanência de genocidas, colonizadores e racistas como heróis da nação, isso resultou em intervenções em monumentos que homenageiam representantes da escravização da população indígena e da população negra. A figura dos Bandeirantes tem sido amplamente abordada no contexto de relações violentas e de genocídio acometido às populações originárias e escravizadas (BARBOSA, 2018; WALDMAN, 2019; LIMA, 2021; OLIVEIRA, 2022).

Alinhado a esse movimento, destaca-se neste estudo a manifestação ocorrida em 24 de julho de 2021, em que houve ateamento de fogo à estátua de Borba Gato, monumento que representa Manoel de Borba Gato, um bandeirante paulista cuja trajetória está ligada à



colonização e, portanto, à violência perpetrada contra a populações indígenas e negra, saqueando aldeias, matando e escravizando.

A autoria do ato foi reivindicada pelo grupo Revolução Periférica, o qual postou imagens da ação nas redes sociais. O ativista Paulo Lima, conhecido como o “Galo”, é um dos representantes do grupo e foi preso pelas forças de segurança após comparecer, de maneira espontânea, à delegacia, para confirmar sua participação. O monumento, situado na zona sul da cidade de São Paulo, no bairro de Santo Amaro, “[...] totaliza 15 metros de altura, o que corresponde a um prédio de cinco andares. Seu gigantismo mostra não uma simples presença, mas uma presença dotada de uma força que possui significados e ajuda a fortalecer a sua existência e os seus sentidos simbólicos” (COSTA, 2017, p. 13).

A legitimidade da ação gerou uma ampla discussão no universo acadêmico e também nas redes sociais e imprensa, o debate girou em torno de reflexões sobre a memória, a História e os símbolos do passado no presente (DAMASCENO, 2021). Por isso, objetiva-se analisar a importância da ação política direcionada à repercussão do atentado ao monumento Borba Gato no Twitter.

## **2 AS MÚLTIPLAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA POLÍTICA E COLETIVA**

Os fatos e acontecimentos históricos são manifestações que podem ser representadas sob diversos formatos, como em músicas, poesias e fotografias. O seu registro, além de possuir valor histórico e cultural, também é útil para a preservação da memória coletiva para a presente e futuras gerações. É através dos registros em vídeos e fotografias, por exemplo, que os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945 podem ser lembrados e consultados, o que reduz as incertezas sobre os fatos que antecederam e sucederam esse recorte histórico da humanidade.

Trazendo para o contexto brasileiro, é perceptível também a representação da memória coletiva dos atos que ocorreram no período da Ditadura Militar de 1964, em que artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, através das suas músicas e poesias, retratam as perseguições e críticas à política institucional que se alastrava na época. Assim, traz-se a reflexão de que “a memória é a responsável por esta relação entre corpo presente e passado, interferindo no processo das representações atuais. Através da memória



o passado vem à tona, misturado de fatos e eventos presentes.” (GOMES; OLIVEIRA JÚNIOR; ARAUJO, 2014, p. 10). Essas memórias podem ser de caráter pessoal, ou seja, aquelas que são cultivadas das experiências individuais (viagens, romances, etc.), como coletivas, as quais revelam as vivências compartilhadas por grupos sociais.

Nesse sentido, a memória coletiva está relacionada à reconstrução dos produtos humanos por meio dos discursos e testemunhos dos coletivos sociais, os quais, em consenso (ou não), cumprem uma função social, que é a continuidade do conhecimento (SILVEIRA; CAREGNATO; BUFREM, 2014). Para Casalegno (2006), a formação dessa memória se realiza na medida em que os indivíduos fazem o seu acesso e uso. Assim, essa memória também “[...] colabora para a formação sócio histórica do homem e agrega seus valores culturais e suas identidades” (BIZZELO; CAMOLEZE, 2017, p. 4). Desse modo, a memória coletiva é o produto de todas as experiências humanas, as quais apontam, em sua maioria, para a busca da sobrevivência (LE GOFF, 2003).

A memória da sociedade brasileira é construída a partir de uma diversidade de documentos informacionais, os quais podem ser reproduzidos ou possuir relações entre eles, como mapas, pinturas, estátuas, etc. (GUEVARA; GOMES, 1991). Entretanto, alguns problemas relacionados à memória coletiva no atual contexto social estão calcados no processo de interpretação para além dos relatos históricos, na exclusão das figuras que fizeram parte da narrativa, e na negação do passado, o que contribui para uma desordem informacional e perda da verdade histórica.

Faz-se necessário destacar que a memória coletiva possui um laço muito estreito com a memória política. Na concepção de Guevara e Gomes (1991), a sociedade se constrói a partir de lutas de classes sociais e pela ganância de poder, aspectos que resguardam relação com as figuras políticas, seus feitos e sua interferência na forma de manipulação social. É a partir das memórias políticas que se reconhecem os interesses da Corte Portuguesa no Brasil em 1500, as formas de exploração do trabalho escravo e sua comercialização por homens que organizaram o modelo político de sociedade brasileira até 1888, e as inovações sociais oriundas do governo do ex-presidente Lula em seu governo.

A negação dos eventos do passado político brasileiro tem sido objeto de discussão na atualidade, os quais muitas vezes são recontados com outros contornos e posturas dos seus atores. Assim, a memória política é importante para inibir esses desdobramentos, reforçar o



papel das lutas sociais e na efetiva participação política social na busca do melhor interesse coletivo. A memória política também serve como parâmetro para o não esquecimento da própria história humana. Sem as memórias políticas e sociais não seria possível discutir a importância do combate ao racismo, à escravização e às investidas estatais na liberdade de expressão.

A memória política pode ter vários significados e efeitos nos indivíduos da sociedade, contudo, Ansara (2012, p. 299) enfatiza que

Se por um lado, a memória se apresenta como um instrumento de manutenção de um imaginário “colonialista” marcado pelo discurso oficial que enfatiza os feitos dos heróis, produzidos e reforçados pela educação e pela mídia ou mesmo registrados nos documentos oficiais; por outro lado, a memória manifesta-se como forma de resistência e luta política fortalecendo a participação e ação política de movimentos sociais.

Dessarte, independente da forma de externalização da memória coletiva e política, é necessário manter a sua integridade e preservação, pois trata de símbolos que eternizam acontecimentos e fatos sociais, sem os quais a história perde seus contornos de verdade, sua importância, como também pode ganhar novas interpretações conflitantes.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa acontece ambientada no Twitter, em decorrência da intensidade de apropriações por parte dos(as) brasileiros(as), pois a rede social é caracterizada por “[...] potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços de interação entre os participantes do processo” (LACERDA, 2008, p. 118).

Como ferramenta de coleta de dados, optou-se por utilizar um *script* de raspagem (*scraper*) em linguagem de programação Python, com exportação primeiramente em .json e posteriormente em .csv, possibilitando melhor análise. Os dados foram recuperados a partir das publicações originais no Twitter, delimitando seus critérios para menções ao termo *Borba Gato*, com variação de caracteres maiúsculos e minúsculos, em qualquer *tweet* que tenha sido publicado na plataforma entre o dia do acontecimento (24 de julho de 2021) e a semana seguinte (até 31 de julho de 2021).

Compete afirmar que originalmente foram recuperados 8.754 registros da utilização do termo, mas, após um processo de limpeza dos dados, excluindo as *replies* e *links*, o



quantitativo dos dados analisados foi de 5.369 *tweets*. A sistematização em tabela possibilitou a leitura dos dados e sua análise, a partir do objetivo de identificação dos atores e ações mais mencionados em seu corpo textual, assim como da utilização de *hashtags* e da popularidade da publicação entre os usuários.

A análise de conteúdo se demonstrou como método propício a identificar os indicadores, a partir das *hashtags*, porque atuam no sentido da política como “panfletagem”, ou seja, têm a intenção de espalhar a ideia e obter o apoio (BASTOS, RAIMUNDO e TRAVITZKIT, 2012).

#### 4 RESULTADOS

Primeiramente, preocupou-se em identificar as variáveis mais populares entre as *hashtags* utilizadas pelos *tweets* recuperados. Dessa forma, recuperou-se 1.594 *hashtags* distintas, porém, para análise neste estudo, a representação visual é composta a partir da utilização de *hashtags* com 15 ou mais menções.

**Figura 1 - Hashtags**



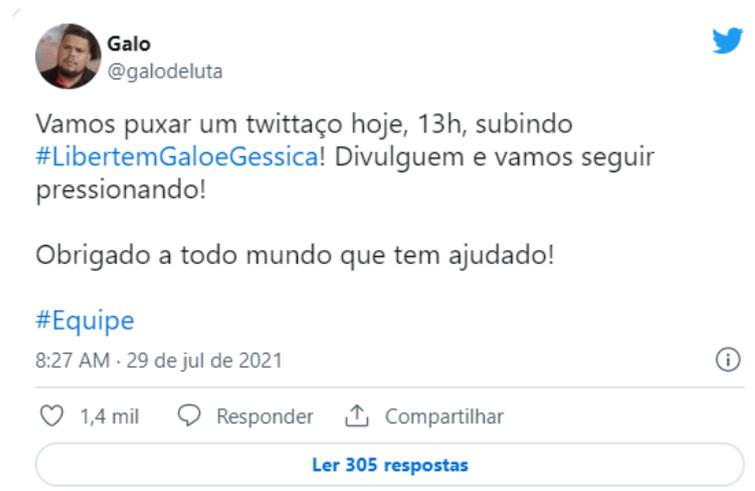
**Fonte: Dados de pesquisa, 2022.**

Após Paulo Lima, conhecido como “Paulo Galo”, ser preso no dia 28 de julho, internautas passaram a pedir a liberdade do ativista e também da sua esposa, Gécica Barbosa, ativista que também foi presa. A *hashtag* “#LiberdadeParaGaloEGessica” foi a que possuiu o maior volume, ocupando a primeira posição no *ranking* de assuntos mais comentados no Twitter do Brasil, com 228 utilizações. Isso justifica-se também pela iniciativa de pressionar e demonstrar repúdio ao autoritarismo da Polícia Militar e da justiça, que, mais



uma vez, defenderam o legado do período escravagista no Brasil. A equipe de Galo solicitou uma forte campanha no Twitter pela retirada do processo e liberdade imediata, conforme a Figura 2.

**Figura 2 - Chamada de *hashtag***



**Fonte: reprodução Twitter.**

Essas narrativas são denominadas por Malini e Antoun (2013, p. 249) como contrárias à “naturalização do funcionamento do poder”, como uma apropriação da estrutura pelos usuários como forma de democratizar as vozes e o acesso democrático. Além disso, dentro do debate central, houve 398 variações de *hashtags*, entre elas, a da insatisfação com o governo federal demonstrada com [#ForaBolsonaro](#), com 47 menções, e o apoio ao ex-presidente com a *hashtag* [#lulalivrebrasillivre](#), com 19 menções. Este resultado das *hashtags* condiz com os conteúdos dos *tweets* recuperados, representados em uma nuvem de palavras, na Figura 3.



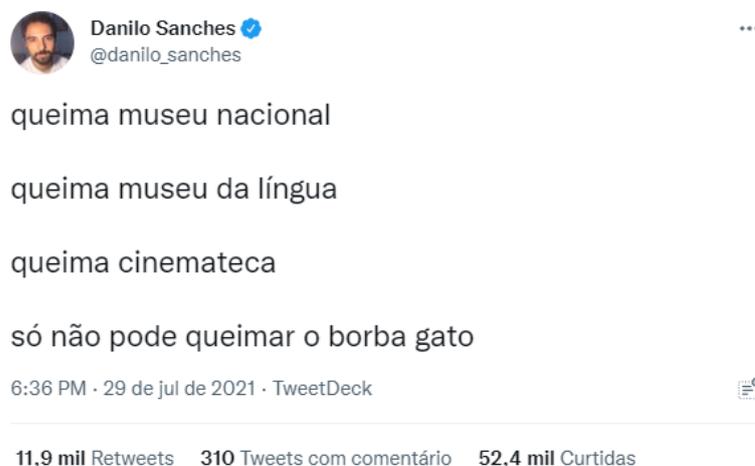
**Figura 3 - Palavras do conteúdo**



**Fonte: Dados da pesquisa, 2022.**

Os termos mais utilizados e figurativos ao episódio se resumem a “estátua” e não ao termo “monumento”. A mudança no tema deve-se ao uso da memória coletiva ou do significado simbólico que atribuímos aos objetos (SCHWARCZ, 2017). Além disso, os termos ligados (genocida, indígenas, história) mostram que há uma demanda por um redimensionamento da memória e da história, trazendo a discussão na política brasileira sobre as relações de poder e as estruturas sociais (NEVES, MOUTINHO, SCHWARCZ, 2019). Esta ligação também pode ser vista no *tweet* mais popular, com 11.930 *retweets* e 5.240 curtidas, em que o jornalista Danilo Sanches, publicou:

**Figura 4- Tweet mais popular**



**Fonte: reprodução Twitter.**



O *tweet* é marcado pela insatisfação com a falta de preocupação com a informação materializada no Museu Nacional, Museu da Língua e Cinemateca Brasileira, e com a preocupação em manter monumentos e nomes em vias públicas que celebram a memória de personagens brancos ligados aos valores coloniais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória política e coletiva brasileira é remontada a partir de fatos e acontecimentos históricos que ainda resguardam complexos discursos sobre o papel de determinadas figuras públicas. É prática comum no Brasil homenagear pessoas que realizaram algum feito na sociedade com monumentos e esculturas, como o caso das estátuas de Nise da Silveira e de Aurélio Buarque de Holanda na orla de Maceió, de Ariano Suassuna em Recife, e Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga em Campina Grande.

Entretanto, algumas figuras políticas que foram homenageadas com esse tipo de fonte informacional desagradam certos grupos sociais pelos seus feitos negativos, como o caso do bandeirante Borba Gato, que está localizada na cidade de São Paulo. O referido homenageado foi responsável pela exploração de metais preciosos e também pela violência de indígenas e quilombolas, escravizando esses grupos para o alcance dos seus objetivos.

O monumento Borba Gato sofreu inúmeros ataques em virtude dos atos do seu passado. Como observado, Paulo Galo e Géssica Barbosa, ativistas contrários à presença da homenagem ao bandeirante, após atearem fogo ao monumento, foram presos pela polícia e condenados pela justiça de São Paulo. A prisão foi destaque nas redes digitais, em especial no Twitter, o que rendeu discursos sobre a ilegalidade da prisão, os atos de genocídio por políticos, e a impunidade a outros atos contra a história brasileira, em que nunca foram identificados e julgados os culpados, como as queimas do Museu Nacional e do Museu da Língua Portuguesa recentemente.

Apesar de existir uma visibilidade negativa sobre o monumento Borba Gato, resta claro que esta memória faz parte da construção histórica social e política do Brasil. Mesmo não realizando feitos positivos para a sociedade, o bandeirante homenageado é mais um dos tantos escravocratas e genocidas brasileiros consagrados por alguns cidadãos como heróis da pátria.



## REFERÊNCIAS

- ANSARA, S. Políticas de memória x políticas do esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial. **Psicologia Política**, vol. 12. nº 24. pp. 297-311. maio – ago. 2012. Disponível em: <https://bityli.com/QtprVRb>. Acesso em: 02 maio 2022.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BARBOSA, A. G. Entre sentidos, monumentos como estruturas limítrofes: um olhar sobre o sangramento do monumento. **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v.2, n. 7, 2018. Disponível em: [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/PIXO.V2I7.14626](https://doi.org/10.15210/pixo.v2i7.14626). Acesso em: 16 ago. 2022.
- BIZELLO, M. L.; CAMOLEZE, J. M. C. Memória e patrimônio histórico: dimensões da legislação municipal em Jundiá – sp. **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105462>. Acesso em: 03 maio 2022.
- CASALEGNO, F. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação da era das redes. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.
- COSTA, Márcia Maria Da Graça. **Lugares de memória do bairro de Santo Amaro**: a estátua de Borba Gato. 2018.
- GOMES, M. A.; OLIVEIRA JÚNIOR, J.; ARAUJO, N. C. Memória: construção social, lugares e competência. **Ciência da Informação em Revista**, v. 1, n. 2, p. 9-19, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36336>. Acesso em: 03 maio 2022.
- GUEVARA, E. J. B.; GOMES, M. C. A. Memória política e controle documental: o caso pt na campanha presidencial de 1989. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 20, n. 1, 1991. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/75295>. Acesso em: 03 maio 2022.
- LACERDA, J. de S. **Ambiências comunicacionais e vivências midiáticas digitais**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação – Unisinos, São Leopoldo, 2008.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- LIMA, D. M. S. **Corpos negros, linguagens brancas**: o mito da boa-aparência. Curitiba: Appris, 2020. 227 p.
- SILVEIRA, M. A. A.; CAREGNATO, S.; BUFREM, L. S. Práticas de citação e memória coletiva: aproximações possíveis na ciência da informação?. **Informação & Informação**, v. 19, n. 3, p. 242-257, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/32763>. Acesso em: 03 maio 2022.



NEVES, Paulo Sérgio da Costa; MOUTINHO, Laura; SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Herança colonial confrontada: reflexões sobre África do Sul, Brasil e Estados Unidos. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019.

OLIVEIRA, M. V. de. **O Diabo Velho**: Narrativas e contra-narrativas do bandeirantismo em Goiás. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, 2022. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/10400.5/24798>. Acesso em 16 ago. 2022.

SCHWARCZ, Lilia. “**Ser ou Não Ser; Estátua ou Monumento**”. Nexo Jornal, 28/08/2017. Disponível em <https://bityli.com/dowowS>. Acesso em 21/05/2019.

WALDMAN, T. C. Os bandeirantes ainda estão entre nós: reencarnações entre tempos, espaços e imagens. **Ponto Urbe** [Online], 25 | 2019. Disponível em:  
<https://doi.org/10.4000/pontourbe.7346>. Acesso em 16 ago. 2022.